

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANTONIEL MARTINS LOPES

**REFLEXÕES ÉTNICO-RACIAIS NA TRAJETÓRIA DE UM LICENCIANDO EM
MÚSICA: REVERBERAÇÕES ETNOMUSICOLÓGICAS**

**Bagé
2021**

ANTONIEL MARTINS LOPES

**REFLEXÕES ÉTNICO-RACIAIS NA TRAJETÓRIA DE UM LICENCIANDO EM
MÚSICA: REVERBERAÇÕES ETNOMUSICOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Música da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Música.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luana
Zambiazzi dos Santos

**Bagé
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L864r Lopes, Antoniel Martins

Reflexões étnico-raciais na trajetória de um licenciando em
música: reverberações etnomusicológicas / Antoniel Martins
Lopes.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, MÚSICA, 2021.

"Orientação: Luana Zambiazzi dos Santos Santos".

1. Trajetória acadêmica negra. 2. Licenciatura em música.
3. Questões étnico-raciais. 4. Etnomusicologia. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ANTONIEL MARTINS LOPES

**REFLEXÕES ÉTNICO-RACIAIS NA TRAJETÓRIA DE UM LICENCIANDO EM MÚSICA:
REVERBERAÇÕES ETNOMUSICOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em: 06 de fevereiro de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Luana Zambiazzi dos Santos

Orientadora

UNIPAMPA

Prof. Me. Luís César Rodrigues Jacinto

(SEDUC-RS)

Prof. Dr. Pedro Fernando Acosta da Rosa



Assinado eletronicamente por **LUANA ZAMBIAZZI DOS SANTOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/05/2021, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Luis César Rodrigues Jacinto, Usuário Externo**, em 10/05/2021, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **PEDRO FERNANDO ACOSTA DA ROSA, Usuário Externo**, em 10/05/2021, às 16:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0519218** e o código CRC **2828F3CE**.

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas foram importantes na minha jornada da graduação em música na UNIPAMPA. Tódes que estiveram presentes em algumas das inúmeras situações de trabalho, seja nas alegrias ou mesmo nas situações difíceis, fico grato pelos encontros que a vida nos ofereceu. Em especial agradeço:

À Prof^a Luana Zambiazzi dos Santos, por ter me possibilitado conhecer, desde os primeiros dias de estudos na UNIPAMPA, a Etnomusicologia, que já reverbera incríveis transformações na minha vida e continuará sendo importante nas minhas práticas e reflexões futuras.

Ao corpo docente e técnicos do curso de Licenciatura em Música da Unipampa por todo o suporte e aprendizagens oferecidas durante todos esses anos de estudo na universidade.

Aos Profs. Adriana Bozzeto e Beth Infantini (in memoriam), Lúcia Teixeira e Matheus Leite, que me ouviram, incentivaram e sonorizaram ideias no decorrer do meu percurso pela licenciatura em Música e em redes musicais externas à academia.

À tódes os integrantes do Movimento ENEGRECE, pelo acolhimento, ensinamentos direcionados aos empoderamentos necessários para resistirmos e combatermos os racismos estruturais e institucionais.

Ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas Oliveira Silveira, por abrir o debate sobre as questões étnico-raciais no âmbito acadêmico da UNIPAMPA e pelos processos e iniciativas de formação continuada.

À direção da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros, pelos processos iniciais do trabalho de TCC e pelas aproximações com o clube em diferentes momentos da minha formação acadêmica.

Aos integrantes do grupo de pesquisa ETNOSÔNICAS, por proporcionar diferentes jeitos de dialogar e avançar as reflexões no campo etnomusicológico.

Sou grato aos amiges, Felicíssimo Franco, Kiim Paz, Mauro Lemos, Laísa Borba, Rafael Brignol, Roger Gomes e Tiago Silva, pelas parcerias, conversas, críticas construtivas e pontos de escuta em diferentes momentos da minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal.

Dedico imensa gratidão a minha companheira Danieli Geissler, pelos afetos, encontros com minha espiritualidade, arte, e pela possibilidade de conhecer novos caminhos e experiências para vida.

E principalmente, aos meus pais Antonio Carlos, Vera Lúcia e meu irmão Andriel, pelos apoios dedicados em incontáveis momentos da minha vida e por acreditarem no meu trabalho e dedicação em todos os processos formativos aprendidos que tive, tenho, e seguirei aprimorando a cada desafio vencido.

*Você me pediu
Pra contar a minha história
Mas nunca teve tempo prá
escutar Mas hoje chegou o dia
E tudo que está preso na
memória Eu quero libertar
Deixar voar
Desabafar
[...]
Salve-se quem souber*

Gelson Oliveira, Salve-se quem souber

RESUMO

Este trabalho busca apresentar reflexões emergentes na temática étnico-racial, por meio de memórias da minha trajetória acadêmica como licenciando em música na Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé (RS). Com este tema central de discussão em evidência, desenvolvo aproximações com o campo da Etnomusicologia, sintonizando-as com os percursos curriculares e com o planejamento, práticas e reflexões pedagógico-musicais dos estágios supervisionados e do Programa de Residência Pedagógica. A partir deste trabalho, aponto possíveis contribuições adquiridas na participação em projetos institucionais etnomusicológicos e eventos acadêmico-científicos que equilibraram ou justificaram os processos de reflexão-ação no decorrer do Curso de Licenciatura em Música. Como a trajetória é permeada por uma série de transformações, envolvidas à minha posicionalidade como sujeito negro, o trabalho tenta recuperar transversalmente alguns momentos entendidos como emblemáticos em uma licenciatura em música. Entendo que tais reflexões podem contribuir no estudo das questões étnico-raciais na educação pública brasileira, a partir da área de Música. Além disso, espera-se que as reflexões possam auxiliar futuras proposições de memoriais que acessem debates decoloniais.

Palavras-Chave: Trajetória acadêmica negra. Licenciatura em música. Questões étnico-raciais. Etnomusicologia.

ABSTRACT

This research seems to present emerging reflections on the ethnic-racial theme, through memories of my academic trajectory as an undergraduate student in Music at the Federal University of Pampa - Campus Bagé (RS), Brazil. Through this subject, I develop dialogues with the field of Ethnomusicology, tuning them with the curricular paths and the pedagogical-musical planning, practices and reflections on the supervised internships and the “Pedagogical Residency Program”. On this way, I point out possible contributions acquired through the participation in institutional ethnomusicological projects and academic-scientific events that balanced or justified the reflection-action processes during the Music Teaching Degree Course. As the trajectory is permeated by a series of transformations, involved in my positioning as a black subject, the work seeks to transversally recover some moments understood as emblematic in the trajectory of a teaching degree in music. I understand that such reflections can contribute to the racial issues in Brazilian public education, from the area of Music. In addition, it is expected that the reflections may assist future memorial proposals that access decolonial debates.

Keywords: Black academic paths. Music teaching degree. Racial issues. Ethnomusicology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte da matriz curricular do Curso de Música da UNIPAMPA.....28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

COVID-19 - Corona Virus Disease 2019

ENABET - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia FURG -
Universidade Federal do Rio Grande

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

GEM - Grupo de Estudos Musicais/UFRGS JNIC - Jornada Nacional de Iniciação
Científica UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul UNIPAMPA - Universidade Federal
do Pampa URCAMP - Universidade da Região da Campanha

SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SIEPE - Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - UNIPAMPA

SiSU - Sistema de Seleção Unificada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DIÁLOGOS TEÓRICOS.....	18
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS	22
3.1 Registros da jornada acadêmica	23
4 REFLEXÕES ÉTNICO-RACIAIS NA TRAJETÓRIA DE UM LICENCIANDO EM MÚSICA	25
4.1 Emergência de reflexões étnico-raciais: componentes curriculares e iniciação científica	25
4.2 Reflexões étnico-raciais junto a práticas pedagógico-musicais: estágios e residência pedagógica.....	28
5 NEGRITUDE E SIMULTANEIDADE DE VIVÊNCIAS: SONORIZANDO O QUE NÃO FOI TEXTUALIZADO	33
5.1 Reverberações etnomusicológicas	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A escrita aqui exposta corresponde de alguma forma à minha descoberta como um homem negro, latino-americano, músico e professor de música ao final de sua formação, nascido na região sul do sul do Brasil, situado num local onde tanto se luta para bem se compreender as urgentes pautas de valorização da negritude e suas resistências às inúmeras violências que a branquitude¹ exerce e reifica como regra, tanto no âmbito estrutural quanto no institucional.

A chegada aqui traça uma conexão com a minha trajetória como baixista de música popular, aprendendo, aprimorando e participando de performances musicais no decorrer dos últimos 20 anos e, mais recentemente, também como percussionista. Tal percurso tem centralizado as minhas práticas musicais como músico *da noite* no âmbito do rock e do pagode e também nas iniciativas de candombe, em parceria com músicos/as do Uruguai. Contudo, embora este percurso musical repercuta na minha existência e, conseqüentemente, em todas as minhas produções, dedico este trabalho para as minhas conexões com a negritude ocorridas principalmente no decorrer da formação como licenciando em música na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Tal escolha ocorre por entender que o contexto acadêmico vem proporcionado desdobramentos ao meu alcance sobre a temática exposta neste trabalho, auxiliando na criticidade das discussões pertinentes às questões étnico-raciais advindas principalmente pelos debates trazidos enfaticamente pelo campo da Música da Etnomusicologia².

Para ser mais preciso, situo esta problemática como emergente no contexto da cidade de Bagé, região do pampa gaúcho, em proximidade fronteira com Uruguai e que abrange uma complexa rede de circulação de pessoas e ideias, também compartilhada por desafios e lutas brasileiras e latino-americanas. Vale destacar que a cidade de Bagé aciona em diversas vezes na sua história ações de militância e

¹ Conceito pelo qual se discute os problemas dos privilégios e posicionamentos de discriminação racial que foram construídos pela ideologia de uma supremacia branca e que operam na sociedade como sistematização da opressão, violência e silenciamento explícito ou velado das práticas e existências negras. Este debate já vem sendo discutido desde o século anterior por diversos intelectuais negros e destaco aqui o trabalho do filósofo político Frantz Fanon (1968).

² Além da imersão nas questões étnico-raciais, a inserção como estudante no Curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA abriu oportunidades para o trabalho voluntário na condição de músico oficinairo na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - Bagé, oferecendo experiências iniciais no âmbito da educação especial.

resistência no decorrer do século XX. Parte dos levantamentos sobre este tema estão presentes nas contribuições acadêmicas produzidas por intelectuais negros bageenses, como na dissertação de mestrado em do historiador Tiago Rosa da Silva (2018), material que recupera as práticas de associativismo negro na cidade, por meio de jornais e práticas sociais de resistências da negritude bageense. Além disso, a preocupação em destacar a (re)existência de quilombolas remanescentes da comunidade de Palmas (Bagé), a partir da dissertação de mestrado do pedagogo Luis César Jacinto (2019), nos informa as múltiplas circulações da população negra na região do pampa. Contudo, não poderia deixar passar despercebidas, agora no momento em que estamos na entrada de vinte anos do século XXI, as inúmeras disputas de poder e as crescentes “ondas” de intolerâncias, atingindo movimentos sociais no Brasil e ao redor do mundo, ainda mais em tempos de pandemia do vírus COVID-19.

É neste cenário que urgem as transformações referentes às questões de classe, gênero e étnico-raciais, tanto nas micro-relações quanto nas mais amplas escalas de sociabilidade pelo mundo.

Assim sendo, apresento um trabalho que busca sintonizar-se às diferentes fontes de pensamento em relação às identidades negras de emancipação e luta antirracista e que possa oferecer algum suporte às próximas gerações, reconhecendo e exercendo senso de autonomia e atenta aos impactos causados pela dominação eurocentrada, de viés explicitamente colonialista, o que também tem se discutido como decolonialidade³. Trata-se aqui de desnaturalizar o caráter de servidão e culpa e inaptidão que ainda se repete nos diversos lugares de vivências sociais e que mesmo a universidade, com os recursos que poderiam abrir alguns caminhos possíveis, ainda luta para efetivar a democratização, acolhimento e permissão às diversas permanências para a população negra no âmbito acadêmico.

Reconheço as conquistas que diferentes sujeitos com posicionalidades semelhantes à minha alcançaram no decorrer dos anos, sendo importante ressaltar o trabalho desenvolvido nas suas trajetórias, o que implica ultrapassar dificuldades para sobreviver em diversos contextos, como os territórios quilombolas, ocupações,

³ O conceito de “decolonialidade” percorre diversos sentidos e marcos teóricos. Para o presente trabalho, aciono-o alinhado às reflexões de Bernardino-Costa et al (2018), cujo debate abrange as lutas tanto das populações negras quanto das indígenas, embora não foque-se nas últimas na referida obra.

coletivos, espaços de práticas das religiões de matriz africana têm feito. Todas essas lutas, como já foi enfatizado pela intelectual negra Grada Kilomba (2019), buscam amplificar as vozes negras que foram silenciadas por séculos, fixadas pela lógica do branqueamento que reforça o discurso do Outro/a como criminoso/a, hipersexualizado/a, violento/a e sem uma história a ser contada ou escrita. Isso atinge e também é atingido pelos trabalhos artístico-culturais, tendo em vista o esforço dedicado para garantir a permanência numa formação educacional voltada às práticas sonoro-musicais, no meu caso e, possivelmente, o de outros/as. Portanto, este pensamento de formação se nutriu potencialmente de uma insistência em conectar o meu jeito de me posicionar frente às minhas atuações musicais, profissionais e pedagógico-musicais e me reconhecer enquanto futuro professor de música negro, com diferentes abordagens alinhadas ao diálogo, reflexão e ação relacionadas às questões étnico-raciais.

Por estas razões, faço um direcionamento para que meus esforços possam retomar a importância que um campo da área de música, a Etnomusicologia, tem na minha trajetória acadêmica, em consonância com o fazer pedagógico da Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA, proporcionando nos últimos anos, e na interação com as redes de dentro e fora da universidade, a mobilização intensa do debate sobre questões étnico-raciais.

A problematização que centraliza este trabalho, então, está em fazer dialogar pontos específicos da minha trajetória acadêmica, um estudante negro de um curso de licenciatura em música, que se deparou com diferentes etapas de transformações no decorrer da formação. Por isso, trago algumas inquietações:

Como o estudo de minha própria trajetória acadêmica pode mostrar momentos acadêmicos que dinamizam o percurso de um sujeito negro em uma licenciatura em Música? Quais e como as reflexões advindas dos estudos etnomusicológicos explicitaram aproximações com as questões étnico-raciais nas práticas pedagógico-musicais? De que maneira a participação em projetos institucionais e eventos acadêmico-científicos conciliaram reflexões étnico-raciais no estudo ou aproximações pedagógicas a práticas sonoro-musicais? Como as simultaneidades de vivências na minha formação acadêmica construídas até o presente momento reportam-se às questões étnico-raciais na prática cotidiana?

Com estas questões em mente, busco apresentar memórias de minha trajetória acadêmica como licenciando em música, transversalizando a emergência das

reflexões étnico-raciais, partindo do entendimento de que estas memórias fazem parte do processo de afirmação da negritude e resistência.

Para isto, busco explicitar algumas aproximações com o campo da Etnomusicologia, sintonizando-as às questões étnico-raciais presentes no planejamento, práticas e reflexões pedagógico-musicais dos estágios e residência pedagógica. Também infiro que é possível neste trabalho identificar as contribuições adquiridas na participação em projetos institucionais e eventos acadêmico-científicos que equilibraram ou justificaram os processos de reflexão-ação na licenciatura em música. Como a trajetória desenrola-se em meio a transformações, também procuro recuperar alguns momentos entendidos como emblemáticos na trajetória em uma licenciatura em música. Entendo que tais reflexões podem contribuir na continuação de estudos que ajudam a revelar avanços, e/ou desafios no que se refere aos debates e trabalhos relacionados às questões étnico-raciais na educação pública brasileira, a partir da área de Música.

2 DIÁLOGOS TEÓRICOS

Os eixos de base desta pesquisa acionaram referências que tratam de garantir a presença fundamental de alguns pensamentos advindos de intelectuais negras e negros, que objetivam suas reflexões ao caminho reparatório tão necessário à educação e à sociedade brasileira, estando estes alinhamentos teóricos em aproximação com este artigo⁴. O conteúdo apresentado neste trabalho, no entanto, emerge do acúmulo reflexivo de um percurso como licenciando em música na reflexão sobre as questões étnico-raciais e em processo de iniciação no campo da Etnomusicologia. Sendo assim, torna-se inspiradora a tese de doutorado de Pedro Rosa (2020), ao defender uma Etnomusicologia Negra e motivar que estudantes como eu também criem percursos reflexivos nesta direção.

Ao mesmo tempo, é preciso salientar que as leituras que realizei apresentam certo caráter transdisciplinar, uma vez que também me conecto à questões para além da área de Música. Por isso, são incorporadas reflexivamente as discussões a respeito dos estudos decoloniais trazidos pelos sociólogos Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramon Grosfoguel (2018), que tratam o tema como uma proposta político-acadêmica da qual não se desconecta as realidades afro-brasileiras. Nesse sentido, os diálogos dos autores vão em consonância com diversas(os) intelectuais e ativistas negras (os) do Brasil e do exterior que enfatizam a luta e resistências tanto no âmbito acadêmico quanto em espaços quilombolas, movimentos sociais e nas práticas do cotidiano. Como pano de fundo, as gerações de intelectuais trazidos pelos autores (BERNADINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2018) ao falarem sobre decolonialidade, acionam paradigmas sobre racialização, em contexto mundial e brasileiro.

Isto quer dizer que tratar de questões étnico-raciais como eixo neste trabalho também implica lembrar as tramas sociais a que se vinculam historicamente, e que a discussão sobre decolonialidade deve superar os modismos para tornar-se um projeto de intervenção sobre a realidade. Com esta perspectiva em movimento, os mesmos autores, em consonância com NDLOVU-GATSHENI, ZONDI, 2016, destacam que:

⁴ Vale ressaltar que, em decorrência das limitações sociais, psicológicas e de todo o contexto de pandemia, o Curso de Música da UNIPAMPA, ofereceu a opção de trabalho mais compactada, a de um “artigo monográfico”, sendo que nesse formato não foi possível dar maior amplitude no que se refere à revisão bibliográfica direcionada sobre o tema. Contudo, esta proposta de trabalho terá continuidade e pretende-se dar maior profundidade no futuro.

[...] ao argumentarmos em favor da decolonialidade como um projeto político-acadêmico que está inscrito nos mais de 500 anos de luta das populações africanas (NDLOVU-GATSHENI; ZONDI, 2016) e das populações afrodiaspóricas, é preciso trazer para o primeiro plano a luta política das mulheres negras, dos quilombolas, dos diversos movimentos negros, do povo de santo, dos jovens da periferia, da estética e arte negra, bem como de uma enormidade de ativistas e intelectuais, tais como: Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Clóvis Moura, Sueli Carneiro, Frantz Fanon, Césaire, Du Bois, C. L. R. James, Oliver Cox, Angela Y. Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins, etc. (NDLOVU-GATSHENI; ZONDI, 2016, *apud* BERNADINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018. p.10-11).

Esta afirmação pode ser entendida como uma convocação urgente para lembrarmos do legado de lutas travadas no decorrer dos séculos e tomarmos cuidado para que não se recaia num esvaziamento e desconexão de um conceito que centraliza-se em dar voz e visibilidade aos contextos de reverberação de resistências como os espaços quilombolas e indígenas.

No que se refere às complexidades sobre *negritude* e *branquitude*, saliento as reflexões do antropólogo congolês (radicado no Brasil) Kabengele Munanga (1990) e do psiquiatra caribenho-francês Frantz Fanon (1968), que auxiliam a identificar e analisar essas categorias, especialmente porque a racialização opera diversos tipos de violências sociais, fundamentada na perigosa ideia de “democracia racial”. Sendo assim, compreender *negritude* e *branquitude*, de acordo com estes autores, auxilia na necessária ruptura com o movimento hegemônico que silencia os debates étnico-raciais nos contextos internos e externos à universidade.

Canalizando o debate das questões étnico-raciais para os contextos educativos, considerando os eixos aqui em estudo, é fundamental destacar a sintonia deste trabalho com as leis 10.639/2003 e a lei 11.645/2008, sobre as bases de estruturação e aproximação da história e cultura afro-brasileira e indígena dentro da sala de aula como parte da educação para as relações étnico-raciais. Tais leis têm direta confluência com as lutas travadas pelos movimentos sociais negros e indígenas brasileiros que reivindicam direitos e transformações há bastante tempo, principalmente nas articulações conduzidas no decorrer do século XX. Este tema é central nos

estudos e discussões da educadora negra gaúcha Petronilha Gonçalves e Silva⁵ (2007), que assim argumenta:

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos (SILVA, 2007. p.2).

Esta pertinência trazida pela educação das relações étnico-raciais sintoniza-se com as ações afirmativas e parece-me se relacionar com as contribuições do etnomusicólogo José Jorge de Carvalho (2003), dedicado ao estudo das tradições de música iorubá no Brasil. O autor propõe relacionar a música popular presente em diversas manifestações culturais e que precisam ser abertamente reconhecidas e praticadas com os espaços acadêmicos, populares e educacionais, a partir de um constante diálogo com as comunidades locais. Ao mesmo tempo, o etnomusicólogo alerta para o desafio de continuidade e intensificação da luta por equidades no contexto da educação, demandando a ampliação e entendimento das ações afirmativas, por exemplo, mesmo depois de décadas de análises contextualizadas e críticas de um problema nas bases institucionais.

Finalmente, falando desde um curso de licenciatura em Música, entendo que a discussão sobre uma proposta de educação musical que reflita e se posicione em diálogo com uma abordagem etnomusicológica também pode encontrar referência ao dialogar com Angela Lünning (2013), que, além de reforçar a importância das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, argumenta em prol do fomento de propostas de ensino de música a partir das argumentações que permitem levar esses conhecimentos das afrodiásporas para dentro e fora da sala de aula, considerando a experiência da autora

⁵ Sua importância na implementação e discussão continuada para a Lei 10.639/2003 tem enorme potência devido ao seu trabalho como conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, na gestão 2002-2006. Na condição de relatora do conselho, trouxe contribuições, mapeamentos e encaminhamentos em relação aos desafios dos efeitos da lei no cotidiano da educação brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cne-relatorio-de-petronilha-beatriz-goncalves-e-silva/>. Acesso em 8 de mai. 2021.

como educadora em contextos de projetos sociais direcionada aos jovens do estado da Bahia.

Estas leituras, somadas às experiências formativas de reflexão em minha própria trajetória, farão parte dos capítulos seguintes, embora nem sempre mostrem-se explícita e abertamente. Contudo, é fundamental salientar que as reflexões promovidas pelos/as autores/as mencionados/as direcionaram profundamente as interpretações sobre minha trajetória na licenciatura em Música.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A construção metodológica deste trabalho localiza-se em uma perspectiva qualitativa, com inspiração central na proposta de um memorial de trajetória.

Na área de Música, como referência, as contribuições apresentadas pela educadora musical Gisele Flach (2013), que destaca na sua dissertação de mestrado algumas maneiras de elaboração de memoriais de formação, composição musical e descrição para concursos, chama a atenção para os principais elementos de combinação de cada umas destas maneiras de escrita (FLACH, 2013. p. 29-35).

Entendo a importância desta metodologia e, paralelamente, tento trazer neste trabalho, a partir das questões trazidas pelo estudo de trajetória acadêmica na licenciatura, possíveis contraposições. Tal decisão decorre da preocupação de que nos conteúdos dos memoriais em música ainda possam predominar as marcas do legado elitista europeu, haja vista, por exemplo, a manutenção de estruturas que definem o público-alvo dos cursos e respectivos conteúdos vinculados à música ocidental. A permanência das provas de habilidades musicais no ingresso de muitos dos cursos de graduação em música, é um exemplo de manutenção destas estruturas, ao definir de maneira excludente quem acessa uma graduação em Música e também o que será estudado. Embora haja exceções, e, além disto, este não ser o caso da licenciatura em música da UNIPAMPA⁶, é fundamental ter ciência de que os sistemas hegemônicos invisibilizam as questões étnico-raciais na música e acabam fazendo parte de suas produções - desde apresentações artísticas até pesquisas científicas. Por isso, valorizo a retomada crítica que sinalize desconstruções às práticas colonialistas e segregacionistas dadas como normalizadas e que ainda estão presentes nos espaços acadêmicos, optando por uma inspiração em memorial que se contraponha à ideia de investigar processos compositivos de repertórios de vínculos explicitamente europeus. Assim, opta-se, aqui, por uma inspiração em memorial como possibilidade de compartilhamento, revisita e reavaliação de trajetória, de percurso acadêmico.

⁶ Desde o seu primeiro ano de existência, em 2012, o Curso de Música - Licenciatura da UNIPAMPA tem como forma de ingresso o SiSU, junto ao Ministério da Educação. Isto permite o ingresso de estudantes por meio da nota do ENEM e esta é a única seleção realizada pelo curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2016), divergindo da ainda hegemônica inclusão de prova específica de conhecimentos musicais.

Este sentido de revisitar, reavaliar, de ser alguém que está em constante questionamento ao olhar para a sua trajetória acadêmica buscou se orientar pela abordagem da educadora e pesquisadora Anastasiou (2003), no que se refere ao desenvolvimento de “revisitar memórias”. Segundo a autora, esse exercício propicia:

Além da busca por [...] equilíbrio que está implícito no rever, a ação de conhecer-se implica ousadia e coragem. Ousadia para lançar-se a desafios, a mundos estranhos, ainda não explorados, desconhecidos. Coragem e ousadia são características iminentes a uma atitude interdisciplinar. Uma atitude que busca resgatar a unidade do ser. (ANASTASIOU, 2003. p. 7-8).

Embora seja possível fazer ressalvas a respeito da busca de uma “unidade” do sujeito, a autora destaca que a tarefa de se fazer um memorial levará a reformulações das próprias maneiras de percepção das produções realizadas, o que provoca múltiplas possibilidades de trabalho com as aferições construídas, a partir das vivências e das práticas elencadas pelas memórias. É neste sentido que considero pertinente uma pesquisa que acione minha trajetória como licenciando em música, com a proposta de rever/reviver a presença das reflexões étnico-raciais na formação.

3.1 Registros da jornada acadêmica

Para a sua realização, a pesquisa acessou as produções textuais individuais e colaborativas construídas no decorrer do curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA, em especial aquelas que apontaram as reflexões e observações pela perspectiva etnomusicológica direcionadas às questões étnico-raciais. Dos materiais selecionados estão contidas as memórias de trabalhos apresentados em eventos científicos (anais), como a Jornada Nacional de Iniciação Científica - JNIC da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC (2017), o Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia - ENABET (2019), o evento Interfaces Pedagógicas - FURG/RS (2017), o Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico Racial de Bagé (2019), a Semana da África - UFRGS (2018), o Salão internacional de Ensino Pesquisa e extensão da UNIPAMPA de Uruguaiana (2016) e de Sant'ana do Livramento (2017 e 2018).

Estão também presentes nas construções reflexivas deste trabalho as inserções de ideias e práticas no decorrer de algumas atividades da graduação organizadas em diários de campo, oriundos tanto dos projetos de iniciação científica

etnomusicológica nos quais participei⁷ quanto das experiências pedagógico-musicais advindas dos espaços escolares. Tais percepções estão diretamente textualizadas nos relatórios de Estágio Curricular Supervisionado e no e-book de relatos de experiências no programa Residência Pedagógica (2018-2020), que correspondem a uma imersão das práticas pedagógico-musicais nas escolas públicas de educação básica da cidade de Bagé.

Sendo assim, a primeira etapa para a construção do trabalho foi acessar e inventariar as produções textuais reflexivas individuais e colaborativas desenvolvidas no decorrer do curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA, tais como diários de campo de participação em projetos acadêmicos, relatórios, trabalhos e breves anotações escolares em geral. A segunda etapa correspondeu à organização desses materiais, sinalizando trechos que aproximavam-se dos objetivos do estudo deste trabalho. A terceira etapa caracterizou-se pela compilação dos trechos que foram selecionados. Posteriormente, organizou-se essas seleções dentro trabalho, unindo-os e dialogando a partir dos eixos temáticos eixos já apresentados, oferecendo a composição dos próximos dois capítulos.

⁷ Desde os mais recentes, participei/participo dos seguintes projetos: “Agência de objetos: reflexões teóricas e contribuições da Etnomusicologia para a Antropologia da Arte” (2019 - atual) - projeto de pesquisa; “Lugar (es) da Etnomusicologia no Ensino Superior” (2019 - atual) - projeto de pesquisa; “Narrativas Sônicas do Pampa: uma pesquisa etnomusicológica colaborativa nos bairros Malafaia e Ivo Ferronato, Bagé/RS” (2017-2018) - projeto de pesquisa; “Narrativas sônicas do Pampa: estudo etnomusicológico sobre as interpretações sociais em torno da dimensão sonoro-musical em Bagé/RS” (2015-2017) - projeto de pesquisa; Projeto de Ensino: “Lugar(es) da etnomusicologia na formação de licenciandos/as em Música” (2017-2019).

4 REFLEXÕES ÉTNICO-RACIAIS NA TRAJETÓRIA DE UM LICENCIANDO EM MÚSICA

4.1 Emergência de reflexões étnico-raciais: componentes curriculares e iniciação científica

A partir da releitura dos registros de minhas vivências na licenciatura em Música, é possível afirmar que a construção de uma posicionalidade que provoca um debate no contexto musical passou por diferentes etapas dos meus estudos na UNIPAMPA. Há que se considerar a marca impregnada da estrutura colonialista ainda muito presente na composição curricular, muito embora já se tenha diversos pontos de ruptura com esta abordagem, que é repleta de violências e que juntamente a isso se impõe como regra no decorrer dos séculos. Essas violências podem ser explicitadas em conteúdos ou abordagens que silenciam ou se apropriam sem a devida autorização ou aproximação aos pertencimentos étnicos que estão ligados aos conteúdos musicais explorados.

Vale ressaltar os esforços dedicados pelo corpo docente do curso de licenciatura em Música da Unipampa para construir um Projeto Pedagógico do Curso (2016) que, ao sintonizar-se com as leis 10.639/03 e 11.645/08, “incorpora o estudo de repertório musical que reflete e contextualiza aspectos de diversos pertencimentos culturais, incluindo músicas brasileiras, africanas, indígenas e latino- americanas em componentes curriculares de práticas instrumentais e vocais.” (UNIPAMPA, 2016. p. 70). Nesse sentido, o curso avança em diversos quesitos, mas é de se imaginar que fazer esta reviravolta com encontros paradigmáticos decoloniais, que ainda exigem melhor compreensão quanto à sua importância na estrutura curricular, demandou um trabalho desafiador nas contraposições às narrativas canônicas. De minha parte, no contexto de formação, pude acompanhar e perceber os estranhamentos de alguns colegas de licenciatura que, por estarem condicionados a uma lógica canônica romantizada da música, demonstraram dificuldades em reconhecer o caráter político-social que a área da Música precisa se apropriar no decorrer das práticas pedagógicas.

As progressões nesse tema, ainda que talvez sutis, provocaram reflexões no decorrer dos meus estudos em componentes curriculares da licenciatura em música,

cujo percurso curricular retoma os saberes eurocentrados, embora em boa parte abordados criticamente, ao mesmo tempo em que entremeou a vivência em componentes curriculares sobre práticas musicais “fora do cânone”. Este me parece ser o caso quando cursei, em 2017, *Tópicos Especiais em Música Popular I*, quando expus algumas ideias que demarcaram temas interseccionais, como as questões étnico-raciais, em especial aos assuntos voltados às sonoridades de matriz africana (Funk e Rap). Neste sentido, destaco o trecho a seguir, oriundo de um trabalho para o componente curricular⁸:

As discussões [...] trouxeram algumas provocações sobre como estas práticas musicais abordam incisivamente as questões de gênero, juventudes, corporeidade, violência, assimetrias econômicas numa dimensão de potência muito diferente de outros movimentos musicais. Isto retoma o debate de como as estruturas contextuais *outsiders* se defendem desses movimentos sonoro-musicais, por não entenderem os sentidos e suas formas de reivindicações ou inserção em espaços públicos. Pensa-se também os caminhos que conectam o nosso trabalho escolar dentro de um espaço/território com percursos emaranhados e que muitas vezes tem dificuldades para sintonizar-se com o cotidiano das pessoas que circulam ou o dinamizam (Avaliação de finalização da “Unidade 1: formas de experiência urbana nas camadas populares: narrativas em torno do ethos sônico”, 2017).

Da mesma forma, estes demarcadores de problematização associados às sonoridades ditas periféricas explicam também, por exemplo, as complexidades que estão além do “local”. Penso ter explicitado este olhar em um trabalho apresentado na Semana da África da UFRGS em 2018, quando, junto à professora Luana Zambiazzi dos Santos, falávamos sobre a presença da unidade “Áfricas Sonoras” no componente curricular de Músicas, Histórias e Sociedades IV. Através dos nossos relatos destacamos as situações constrangedoras recorrentes em que estudantes do curso de licenciatura, advindos de tradições religiosas ortodoxas conservadoras, se posicionam com “argumentos” de demonização das práticas sonoro-musicais (como já vi acontecer com o maracatu), ou mesmo os instrumentos de percussão com referências de matriz africana, por exemplo.

Eu havia participado em algumas aulas do componente curricular como parte da minha atuação no projeto de ensino “Lugar(es) da etnomusicologia na formação de licenciandos/as em Música” (2018) e ele emergia após a mudança curricular que

⁸ O trabalho tinha como proposta motivar o debate em relação ao Funk e Rap, presente nas camadas populares urbanas, revelando as dinâmicas trazidas por essas sonoridades.

substituía o sequenciamento curricular dos quatro primeiros semestres de Histórias da Música Ocidental para “Músicas, Histórias e Sociedades”, trazendo entre os seus quatro semestres a presença de músicas tradicionais e populares de diversos territórios culturais. Quando eu havia entrado no Curso em 2014, a mudança ainda não havia sido feita e, ao refletir junto à professora sobre os avanços, pareceu-me notável o reconhecimento para a abertura que as estruturas podem realizar.

Entre os tópicos de leitura na apresentação do trabalho, assim dispus o que me pareciam desafios e avanços (imbuídos de críticas) ao desenvolver uma unidade de estudo na graduação voltada para as sonoridades africanas, no plural:

- perceber a complexidade, as várias Áfricas possíveis, através da multiplicidade de práticas musicais (ao invés de comparar, utilizando-se de valores ocidentais, que é o que acontece entre vários estudantes);
- busca e acesso a plataformas musicais (dificuldades e críticas, inclusive);
- busca por narrativas históricas mais sintonizadas com perspectivas pós-coloniais ou decoloniais: documentários audiovisuais (sempre como crítica: demanda de narradores negros nas construções históricas);
- [ir] para além do registro escrito (o que em música é muito vinculado à partitura e às gravações, que também têm suas limitações por comprarem as categorizações de uma lógica de mercado, por gêneros musicais): memória como registro (oralidade como ponto central para manutenção cultural)” (Relato de experiência - Semana da África UFRGS, 2018.p.2-3).

Assim, à medida que participei na iniciação científica, como voluntário e bolsista em projetos de pesquisa e de ensino, familiarizando-me com o trabalho de campo etnográfico, junto a algumas das perspectivas etnomusicológicas, as vivências em eventos acadêmico-científicos reverberaram em novas reflexões, a partir dos trabalhos apresentados em eventos acadêmicos⁹ e nos quais pude conhecer pesquisadores e pesquisadoras envolvidas com a preocupação com as questões étnico-raciais.

As vivências aqui relatadas, *flashes* das reflexões cotidianas que transversalizaram minha trajetória acadêmica, tentaram exemplificar como a imbricação entre a realização dos componentes curriculares e a participação em projetos etnomusicológicos e eventos foram potencializando as reflexões étnico-

⁹ Dentre um deles fui premiado com Melhor Trabalho do 8º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - SIEPE - UNIPAMPA na categoria Pesquisa, na área Linguística, Letras e Artes, ao apresentar em 2016 um trabalho colaborativo junto à docente Luana Santos e aos discentes Gabriela Ifran e Julian Pinho. A premiação financiou a apresentação de trabalho no ano seguinte na Jornada de Iniciação Científica, evento localizado dentro da Reunião Anual da SBPC em 2017.

raciais e me motivando a levá-las para os contextos pedagógicos, que é o que apresentarei a seguir.

4.2 Reflexões étnico-raciais junto a práticas pedagógico-musicais: estágios e residência pedagógica

Entendo que o percurso relatado há pouco repercutiu nas ações nos estágios curriculares e atuação no Programa Residência Pedagógica, espaços em que pude direcionar um trabalho que contemplasse conteúdos e reflexões nas quais a Etnomusicologia já elabora um debate consolidado, sem que isto recaia numa fixação.

Para esta sessão é importante destacar como a estrutura curricular do curso de licenciatura em música da UNIPAMPA se organiza e disponibiliza as ações dos estágios curriculares obrigatórios. Simultaneamente, o Programa Residência Pedagógica, do qual fui participante, delimitou pré-requisitos no que se refere à carga horária cumprida de componentes e de estágios no decorrer do curso, priorizando a integralização do curso aos estudantes matriculados como próximos da conclusão do curso.

Figura 1: Recorte da matriz curricular do Curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA, situando os semestres de oferecimento dos estágios curriculares supervisionados.

Semestre 5	Semestre 6	Semestre 7	Semestre 8
Fundamentos da Regência I	Fundamentos da Regência II		
Prática Instrumental III: Piano ou Prática Instrumental III: Violão	Prática Instrumental IV: Piano ou Prática Instrumental IV: Violão	Componente Curricular Complementar (1 T/P + 2 PCC)	Componente Curricular Complementar (1 T/P + 2 PCC)
Componente Curricular Complementar (2 T/P)			
Componente Curricular Complementar (2 T/P)	Componente Curricular Complementar (1 T/P + 3 PCC)		
Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado II	Estágio Supervisionado III	Estágio Supervisionado IV
Pesquisa em Música I	Pesquisa em Música II	Trabalho de Conclusão de Curso I	Trabalho de Conclusão de Curso II
Mídias e Educação Musical	Componente Curricular Complementar (2 T/P)		
Músicas do e no Brasil I	Músicas do e no Brasil II		
Percepção Musical III	Percepção Musical IV		
Elementos da Linguagem Musical I	Elementos da Linguagem Musical II	Composição e Arranjo para a Educação Musical I	Composição e Arranjo para a Educação Musical II
Libras			

Fonte: Universidade Federal do Pampa (2016)

Como destacado na Figura 1, os estágios curriculares se alocam nos semestres finais do curso, em que se espera prática docente na sala de aula. Neste período, busquei assumir as aprendizagens anteriores no curso, mobilizadores de minha visão/escuta e como responsabilidade nas vivências junto à Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e também no Ensino Médio, em diferentes escolas de ensino público da cidade de Bagé.

Evidentemente, cada escola tinha um jeito diferente de desenvolvimento das práticas pedagógicas e, portanto, desafios correspondentes a estas diversidades. Como exemplo, trago um relato de experiência de uma das minhas práticas pedagógicas com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, onde propus uma atividade de compartilhamento e reconhecimento de trajetórias de escutas musicais. Relatei a seguinte situação:

Minha apresentação tentou destacar minha trajetória musical voltada à música popular e práticas com alguns instrumentos musicais, como o contrabaixo elétrico e a percussão. Nesse tempo conseguimos saber algumas preferências musicais dos alunos presentes que também comentaram gostar de ouvir ou conhecer o funk, pagode, sertanejo, rap e também música no contexto religioso, especificamente das casas de religião afro-brasileira, que trazem a percussão juntamente com as práticas religiosas. Sobre esta manifestação musical conectada com as religiosidades, um dos alunos comentou que existia a música “normal” e as músicas tocadas no contexto religioso. Tentei comentar sobre as diversidades de músicas incluindo também a música afro-riograndense e afro-uruguaia. Por algum motivo, acho que ter falado nesses termos não ajudou muito na explicação da diversidade musical que ainda é pouco difundida no âmbito escolar” (Relatório de estágio, 18/05/2018).

Muito embora tenha sido evidenciado dilemas em alguns dos conteúdos comentados nessa aula, saliento os *feedbacks* que foram trazidos pelos alunos, explicitando a dimensão sonora das religiões de matriz africana em contraposição ao sistema ocidental. Em sintonia com estas questões, muitas das minhas práticas pautaram-se pela insistência em criar estratégias para lidar com reflexões étnico-raciais.

Como narro em um trabalho apresentado em 2019, no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), ao trabalhar uma prática musical com uma turma da educação infantil de Bagé, intencionalmente levei a música *Epo i tai tai e*, já conhecida no campo da Educação Musical e Etnomusicologia como vinda da comunidade aborígine Maori, da Nova Zelândia. Mas, a meu ver, não bastava levar apenas “a música”, eu entendia como fundamental contextualizá-la por meio da

prática. Por isso, destaquei o percurso vivenciado em sala de aula, apresentando uma atividade com o objetivo de apresentar alguns entendimentos sobre sociedades tradicionais e simultaneamente aproximar a prática pedagógica ao máximo das cosmologias vinculadas às sociedades cujas músicas realizamos.

Tentei explicar aos alunos que tais valores sociais nos auxiliam a relacionar melhor os processos de escuta e percepção do Outro como participante das vivências coletivas. Com isto explicitado, destaquei como esses elementos, aparentemente sutis, estavam presentes na atividade apresentada para uma turma de alunos da educação infantil de uma escola municipal de um bairro de camada popular da cidade de Bagé, a partir do seguinte relato de experiência:

A disposição da prática foi com todos sentados ao chão e em círculo. A partir daí comecei a explicar como era a música da intervenção didática, o “Epo i tai tai e”, canção já conhecida no âmbito da educação musical, proveniente de indígenas da comunidade Maori, da Nova Zelândia. Uma das crianças que estava perto de mim comentou que um dos colegas começou a rir quando eu comecei a cantar a música; comentei que não havia problema, que não era para eles ficarem tristes ou preocupados com isso. De alguma maneira quis me referir, sem precisar mencionar, a conceitos em que a mensagem da música convida os participantes a estarem conectados em grupo. Apresentei a música por completo duas vezes, numa velocidade devagar, e só depois disso fiz a explicação em três etapas repetindo de 3 a 4 vezes. Notei que alguns dos pequenos não quiseram fazer algumas combinações gestuais convencionadas para esta atividade. Acho que um pouco disso foi o estranhamento que algumas das crianças sentiram ao fazer a prática, mas percebi também que os alunos que se demonstraram ser mais agitados nas aulas anteriores foram os que tentaram se engajar mais em realizar os movimentos corporais e cantar também. Outro detalhe que tentei trazer para prática foi o de não ficar chamando a atenção para “desvios de concentração”, como algumas posturas pedagógicas costumam fazer. Para cada interrupção ocorrida eu apenas perguntava às crianças “Vocês estão comigo?” e assim muitas das crianças respondiam de alguma forma afirmativamente. Retornando à prática dentro das etapas que estavam divididas, tentamos combinar os gestos como uma proposta de percussão corporal e cantando também. [...] Comentei que muitos indígenas vivem nas cidades e possivelmente podem estar muito perto de nós, exercendo o trabalho de professores e artistas. Foi o momento em que as crianças ficaram apreensivas com o que foi dito por mim (Diário de atividade, 18 de abril de 2018).

A atividade descrita acima teve como objetivo fazer alguns contrapontos em relação ao “Dia do Índio”, considerando que a atividade foi apresentada um dia antes da referida “data” (19 de abril). Tentei na ocasião fazer um deslocamento das narrativas “canônicas” para um processo de aproximação e valorização de referências de sociedades tradicionais, cujas existências são recorrentemente silenciadas ou mesmo exotizadas.

Paralelamente, percebi que, quanto a práticas musicais afro-brasileiras, em sala de aula, um dos desafios estava em como desenvolver uma proposta pedagógico-musical que estivesse atenta às possíveis violências simbólicas que operam como formas de racismo. Essa também foi uma reflexão que fiz no decorrer de uma avaliação do componente curricular Músicas do e no Brasil I, onde posicionei a seguinte afirmação:

Dentro das práticas de estágio pude perceber bastante o quanto é necessário agilizar de alguma maneira estratégias de aulas que tragam “clicks” aos estudantes, principalmente quando há alguns deles que comentam de forma descontextualizada referências sobre a história ou uma construção da cultura advinda dos países africanos e que têm muitas conexões com o Brasil. A exemplo, os rituais, a linguagem e o trabalho desenvolvido pelas artes[,] que muitas vezes a juventude e os adultos também não entendem bem e reforçam os processos de dominação que exercem o escamoteamento das culturas tradicionais. No decorrer do semestre senti às vezes que no contexto escolar pode ser difícil trazer uma fala mais prática e mais interessante aos alunos para que conseguissem ter mais consciência da (re)existência e importância das questões étnico-raciais, e que inclusive está presente nos círculos familiares de alguns desses estudantes, como, por exemplo, os líderes religiosos (Trabalho para o componente curricular Músicas do e no Brasil I, discutindo o tópico - Práticas musicais na perspectiva da dominação e resistência cultural - “Danças de negros” e “Batuques e Calundus” (séculos XVI e XVII) - Reverberações BANTU, 2018).

Vale destacar que, desde o primeiro estágio até as ações desenvolvidas como residente pedagógico, incluí, a partir das reflexões construídas no decorrer dos componentes curriculares e iniciação científica, propostas pedagógico-musicais preocupadas em discutir as questões étnico-raciais em sala de aula. Com esses pensamentos dedicados às práticas escolares, tentei garantir a validação das minhas aprendizagens no contexto acadêmico, em especial, aos estudos etnomusicológicos, com o propósito de encontrar pontos de escuta compatíveis com os textos de reflexão estudados na UNIPAMPA. De certa forma isso tem a ver com exercício contínuo em aproximarmos as abordagens da etnomusicologia aos currículos da licenciatura, considerando que a consolidação da área encontra-se mais situada nos programas de pós-graduação.

Os desafios que tentei explicitar nos relatos citados vêm de uma caminhada anterior situada por reflexões e buscas de materiais pedagógicos e musicais encontrados no decorrer dos trabalhos anteriores em projetos de ensino e pesquisa no campo da Etnomusicologia e apresentação de trabalhos em eventos científicos multidisciplinares. Nesses espaços pude dialogar com outras pessoas engajadas com

o trabalho no ensino público, perspectivas que ajudaram a pensar posteriormente nas práticas dentro da sala de aula. Nesse sentido, pude exercitar o senso de engajamento necessário para situar-se com os debates acerca das questões étnio-raciais numa perspectiva alinhada com as minhas aprendizagens e desconstruções no decorrer da minha trajetória como licenciando em música.

Em uma das situações de apresentação de trabalhos em eventos, explicitarei alguns comentários que posteriormente auxiliaram na organização de um posicionamento reflexivo e desafiador estando inserido no ambiente escolar. É o que penso ser mostrado neste trecho de relatório de bolsista de 2017:

Foi possível, a partir das orientações da coordenação do projeto de ensino, sinalizar mais alguns pontos de discussão para que as práticas em pesquisa etnomusicológica pudessem dialogar com os demais profissionais das licenciaturas [...] provocando assim a preocupação em buscar equilíbrio entre fazeres pedagógicos e de pesquisa dentro da graduação. Nesse sentido, ocorreu também aproximação com as questões sobre a diversidade étnico-raciais em contextos diferentes da música (participação do minicurso no decorrer do SBPC intitulado: EDUCAÇÃO E QUILOMBOS: DINÂMICAS E IMPASSES NA PESQUISA (2017); Fórum e reunião do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UNIPAMPA), importantes para as reflexões e práticas cidadãs na contemporaneidade. (Relatório de Atividades do Bolsista Plano de Desenvolvimento Acadêmico UNIPAMPA, 2017).

Todas essas experiências mencionadas no relato mostram o quanto o percurso acadêmico que se pretende mobilizar questões étnico-raciais aciona uma simultaneidade de experiências e, espera-se, reverberações de ação, na prática; é a algumas dessas experiências e reverberações que dedico o próximo capítulo.

5 NEGRITUDE E SIMULTANEIDADE DE VIVÊNCIAS: SONORIZANDO O QUE NÃO FOI TEXTUALIZADO

Algo que os registros escritos não mencionam explicitamente, mas é preciso ser aqui relatado, foi a minha aproximação com o movimento negro ENEGRECE em Bagé, simultaneamente à Licenciatura em Música. Minha inserção no movimento foi um importante fio condutor desencadeado entre o primeiro e segundo semestre de 2017, tendo em vista que nesse mesmo período apresentei trabalho¹⁰ e participei de eventos e minicursos pautados em prol da população indígena e negra na Jornada de Iniciação Científica na 69ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Um momento de transformação pessoal e profissional, conforme fui conhecendo de debates tanto âmbito acadêmico com a efervescência de movimentos sociais tanto da negritude quanto dos povos indígenas, reivindicando espaço e voz e uma luta contra os cortes de verbas na área científica que já estavam sendo atingidas no decorrer de 2017.

Emergente em 2017 na cidade de Bagé, o ENEGRECE, reuniu jovens negras e negros, em sua maioria estudantes universitários, interessados em discutir em reuniões ações pautadas pelas raciais na cidade de Bagé. Minha participação foi bastante intensificada até 2019, sendo que nesse período pude participar com o grupo na organização de rodas de conversa dentro e fora da universidade, eventos como a Semana da Consciência Negra, eventos temáticos como o “Rolê Dosprê”, incorporando a arte e valores *da negritude para a negritude*. Da mesma forma, o movimento se posicionou enfaticamente em manifestações de repúdio a situações de caráter criminoso, como o episódio xenofóbico vitimando o senegalês Ousmane, ocorrido em 2017¹¹ e também o assassinato da socióloga e política negra Marielle Franco¹², ocorrido em 2018. Tal participação no grupo ofereceu uma considerável gama de percepções das experiências da negritude de Bagé por meio de uma postura pautada pela contraposição às hegemonias e de busca por alternativas auto-

¹⁰A síntese do trabalho registrada em vídeo no decorrer do evento. Disponível em: https://youtu.be/96lQFrCeJck?list=PL8XXd2lXQ_wGog_xGOiXgzpCiNDwWM9o. Acesso em 29 jan. 2021.

¹¹ É possível entender a síntese da situação a partir da reportagem realizada na época. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6135066/>. Acesso em 29 jan. 2021.

¹² Alguns detalhes do fato foram registrados em reportagem local. Disponível em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2018/03/17/movimentos-sociais-protestam-contr-a-morte-de-marielle-franco/>. Acesso em 29 jan. 2021.

organizadas de desenvolvimento de trabalhos coletivos. Esse caminho de organização nos ofereceu um modo de independência para decisão em atividades com pautas raciais, de gênero e classe, onde concentravam-se diferentes coletivos e movimentos sociais sintonizados nessas discussões ainda pouco difundidas em Bagé, cidade com fortes traços de conservadorismo na região do pampa gaúcho.

Junto a isto, a aproximação para discutir tais pautas trouxe uma percepção sobre como problematizar camadas estruturais internas normatizadas que precisavam ser entendidas para que eu pudesse avançar em outras dimensões, além da academia: levou-me a rever o caráter de importância das ancestralidades afro-descendentes e negras e o porquê de alguns debates serem evitados no contexto familiar, por exemplo. Não é uma tarefa simples a de buscar e reconhecer diversas memórias nas quais a negritude vinha *me chamando*, porém não tive ou não me autorizei a acessar em outros momentos da minha vida, como uma aproximação forte desses temas com artes e a música na minha juventude no contexto da educação básica, principalmente no ensino médio.

Paralelamente a estas reflexões sobre minha trajetória como sujeito e músico negro, especialmente mobilizadas pelo movimento ENEGRECE, também ao longo da graduação via a necessidade de que as minhas reflexões e os meus estudos pudessem projetar possibilidades de tornar-me professor de atuação na Educação Musical e em algum momento futuro, no ensino superior.

É em meio a essas projeções que situo o meu encontro com o Programa de Pós-Graduação em Música, especificamente no campo da Etnomusicologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Tratava-se da possibilidade de ingresso no mestrado em Música na UFRGS em 2020, sendo a seleção correspondente em 2019 e tendo o requisito de uma graduação concluída cumprido pela realização da minha primeira formação em Comunicação Social¹³, mediante a necessidade de continuar na licenciatura na UNIPAMPA para a sua conclusão¹⁴. O

¹³ Graduação concluída em 2012, na Universidade da Região da Campanha - URCAMP, instituição comunitária localizada na cidade de Bagé/RS. No ano seguinte cursei na mesma universidade o curso de especialização em Psicologia Social com ênfase em Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais, tudo isso antes do ingresso na Unipampa. A graduação foi financiada com o meu trabalho técnico junto à universidade, no qual trabalhei por 9 anos. Já o curso de especialização teve o apoio familiar nas questões financeiras. A visibilidade como freelancer de comunicação social e música teve maior intensidade a partir do meu ingresso como licenciando em música na UNIPAMPA, no segundo semestre de 2014.

¹⁴ Ao final de 2018 eu encontrava-me entre o 6º e 7º semestre da graduação em Música; para integralizar o curso, é necessário cumprir a carga horária e componentes curriculares de 8 semestres.

projeto de entrada no mestrado advinha do acúmulo de vivências e experiências anteriores, cujos fragmentos apresentei anteriormente, pois tratava-se da continuidade do projeto que vinha desenvolvendo no componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso I, centralizado nas práticas musicais de resistência no Clube Negro - Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros, de Bagé/RS.

Com a aprovação e concessão bolsa de estudos no mestrado, no ano (pandêmico) de 2020, enfrentei simultaneamente a finalização da graduação na UNIPAMPA e o cotidiano da pós-graduação/mestrado, em que exige-se mais celeridade nas questões já estudadas na UNIPAMPA e, principalmente, contexto em que busco atualizar a discussão sobre o papel das juventudes no contexto educacional público por meio de suas práticas musicais, tema de meu projeto e em sintonia com as discussões do Grupo de Estudos Musicais (GEM/UFRGS)¹⁵.

Nesse sentido, relaciono todo esse trabalho com a necessidade de um pensamento mais atento às negritudes, prestando atenção à enorme quantidade de assimetrias sociais, principalmente no atual momento de pandemia e destacando as diferentes ausências de acesso à população negra, configurando-se em fortes indícios de discriminação e reificação de estereótipos de criminalidade e/ou exotização. Essas discriminações dificultam os acessos e permanências em diferentes espaços, como o meio universidade, tendo em vista ao elevado nível de violências simbólicas presentes nesses lugares. Mesmo na música essas violências emergem, quando o contexto de práticas com instrumentos de percussão ou manifestações de matriz africana são chamadas a tomar protagonismo, tensionando com narrativas colonialistas, ocidentalizadas e fortemente fixadas em uma moral cristã conservadora e intolerante que desrespeitam o sentido de interculturalidade e trânsito das tradições que aqui no Brasil são praticadas e têm comunicação direta com as afrodiásporas entre os continentes marcados pelas forças colonialistas.

¹⁵ O Grupo de Estudos Musicais é um coletivo interdisciplinar com mais de 20 anos de experiência e centralizado no trabalho etnomusicológico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Liderado pela Prof^a. Dr^a. Maria Elizabeth Lucas, foi basilar para a emergência do ETNOSÔNICAS: Grupo de Estudos em Etnomusicologia, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Luana Zambiazzi dos Santos, na UNIPAMPA.

5.1 Reverberações etnomusicológicas

Finalmente, mediante estas experiências, é preciso lembrar o quanto o processo gradual de práticas pedagógico-musicais dentro da escola, relacionando-as às questões étnico-raciais e com as minhas próprias vivências como sujeito/músico/professor em formação negro, foi sintonizado com a perspectiva etnomusicológica. Diria que a Etnomusicologia, na minha trajetória, foi fundamental para um posicionamento crítico a respeito das práticas pedagógicas na educação básica. Isso se deve ao caráter de inquietação que o campo de estudo confere, associado às leituras densas e instigadoras da criticidade e trabalho analíticos que impulsiona ir além do senso comum da vida cotidiana.

O meu encontro com a Etnomusicologia fez parte deste o meu primeiro dia no Curso de Música e permanece atualmente, como concludente na graduação e, ao mesmo tempo, mestrando em Música, no campo de concentração Etnomusicologia. Inicialmente por meio de atuação em componentes curriculares transversalizados pelo campo, fui percebendo que a Etnomusicologia possibilitava, além da proposta instigadora de assuntos de caráter sociopolítico vinculados aos estudos musicais, interesse advindo das minhas formações anteriores, uma potencialização das questões étnico-raciais em Música e mostrava um fértil diálogo com a Educação Musical. Nesse momento formativo haviam diversas marcas reflexivas advindas dos estudos anteriores a UNIPAMPA, contudo estas marcas tendiam por um viés muito voltados às epistemologias eurocêntricas ou discutido com muita superficialidade os importantes diálogos sobre as questões étnico-raciais e minhas escutas nesse sentido eram bastante amplas.

Com a participação nos projetos de ensino e pesquisa no campo da Etnomusicologia, pude me aproximar de uma base reflexiva que reverberou nas práticas pedagógicas-musicais. Finalmente, em 2018, passei a fazer parte do primeiro grupo de integrantes do ETNOSÔNICAS: Grupo de Estudos em Etnomusicologia. Ali, pude compartilhar ideias, mas principalmente aprender mais sobre temas raciais, assim como discussões de gênero e classe no campo musical, o que evidentemente possibilitou o aprofundamento de outros debates, que entendo como necessários na universidade.

As conexões reflexivas desses espaços parecem-me terem sido levadas a diferentes lugares, tendo algumas considerações explicitadas em trabalhos em eventos, como o já mencionado Encontro da Associação Brasileira de

Etnomusicologia de 2019, quando chamamos (LOPES; SANTOS, 2019) atenção para o amparo legal previsto e necessário dentro dos currículos escolares e o espaço urgente que as práticas pedagógico-musicais precisam tomar neste cenário:

[...] A partir do entendimento de que o desenvolvimento das questões étnico- raciais em todos estes níveis é fundamental, ainda amparado pelas Leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL 2008), torna-se um desafio na medida em que ainda lutamos pelo espaço do ensino de música na maioria das escolas. Nesse sentido, a perspectiva etnomusicológica, bem como as suas metodologias de trabalho (tanto a etnográfica quanto o diálogo com fontes históricas) auxiliam na criação de atividades pedagógico-musicais que possam ir além da apreciação estética e performance para um percurso que conscientize as temáticas das estigmatizações e discriminação que ainda são recorrentes nos ambientes de ensino público em geral, atingindo principalmente as manifestações culturais indígenas e afro-brasileiras, seu legado histórico de luta e resistência [...]. (LOPES; SANTOS, 2019, p. 102- 103).

Estes argumentos possibilitam justificar os esforços necessários para reduzir as desigualdades veladas no contexto escolar, e que muitas vezes sequer são discutidas como ações transversais aos conteúdos de base dos currículos escolares. Somado a isso, há também a enorme dificuldade em relacionar o trabalho do ensino de Artes como meio para levantar pautas emergentes contemporâneas de relevância para formação cidadão dos/das estudantes. Nesse sentido, é necessário exercer uma postura de valorização do trabalho da área das artes enquanto conhecimento amplo e ao mesmo tempo discutir as pressões eurocêntricas orbitantes neste contexto.

No que se refere aos processos de entendimento e ampliação do trabalho escolar preocupado com conteúdos pertinentes às questões étnico-raciais, destaco os questionamentos apresentados oralmente no final de 2019, no I Fórum Permanente Regional de Educação e Diversidade Étnico-Racial¹⁶, também em parceria com a professora Luana Santos, em que:

[...] entendemos que ressaltar os fundamentos musicais é algo que precisa estar presente em todas as práticas [pedagógicas, na escola]: eles precisam

¹⁶ Evento organizado pela 13ª Coordenadoria Regional de Educação, com apoio do NEABI Oliveira Silveira da UNIPAMPA. O fórum buscou reunir diversas frentes de diálogos locais e externas à cidade de Bagé com o propósito de ampliação e reconhecimento dos trabalhos voltados às questões étnico - raciais. Além disso, o evento correspondeu como um meio de fomento de ações futuras pautadas pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da história e cultura Afro-brasileira e Africana em toda a rede pública de ensino da cidade. Detalhes do evento disponíveis em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2019/11/06/coordenadoria-regional-promove-forum-de-educacao-e-diversidade-etnico-racial>. Acesso em 29 jan. 2021.

estar conectados com seus sentidos, para não serem confundidos com outros regimes de valor, de outras sociedades. Por exemplo: atribuir falta de complexidade a músicas de matriz africana. [É equivocado] porque os fundamentos musicais analisados são os da música ocidental, da música erudita. É cabível pensar em música à parte do mundo, dos movimentos sociais, políticos? Até que ponto é possível pensar música como se estivesse "à parte" da sociedade? O que estamos tentando dizer não é que queremos buscar uma autenticidade racial em música, mas queremos realçar as armadilhas racistas ali presentes. Mas, atenção: assim como costumamos ter preocupação com a questão da intolerância na escola, a diversidade cultural também pode ser confundida com exotismo; com um mero discurso do "politicamente correto", com romantismo ou idealização cultural [...] (Relato Fórum Permanente Regional de Educação e Diversidade Étnico-Racial, Bagé, 2019)¹⁷.

Tal momento teve um diferencial em relação aos demais eventos, por se tratar de uma fala direcionada a professores de escolas públicas de Bagé. Não por acaso, ocorreu no mês de novembro, o qual se caracteriza como o período do ano em que se trabalha com maior ênfase as ações sobre a Consciência Negra. Sendo assim, nosso intuito foi mostrar os desafios de um direcionamento das questões étnico-raciais dentro da escola, ao simultaneamente acionar escutas críticas sobre música.

Foi a partir dessas experiências, tornadas também pontos de escuta, que penso estar constituindo uma jornada que se esforça para estar atenta às questões étnico-raciais dentro da educação básica, no ensino de música, comunicando-se com as preocupações trazidas pela Etnomusicologia. Sem dúvida que essa postura implica em insistir na busca de transformações a partir dos pontos de escuta emergidos nesses contextos, pois o cotidiano tende a forçar pelo senso comum linearidades, escamoteamentos ou cooptações quando se trata os temas de raça, gênero e classe, por exemplo.

Dessa forma, o campo de estudos etnomusicológicos demonstra sua capacidade de aliar-se e dinamizar modos de desenvolver práticas dentro e fora da sala de aula, tendo em vista a capacidade de discutir temas emergentes, onde ainda se percebe que o debate precisa ser melhor trabalhado, e de maneira contínua e permanente. Ao mesmo tempo, espero que esse conjunto de experiências associadas às posicionalidades que a etnomusicologia engajada propõe, possa inspirar e alcançar ao máximo entendimentos de lugares e narrativas musicais como resistências.

¹⁷ Versão em texto (arquivo pessoal), não publicada, da apresentação oral realizada no evento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os breves compartilhamentos de ideias, porém profundamente engajados com propostas de provocação reflexiva no decorrer dos componentes curriculares, projetos de ensino e pesquisa etnomusicológicos, atividades de estágio e relatos em eventos científicos e colóquios, mostraram diferentes nuances de transformações ocorridas gradualmente na minha trajetória acadêmica. Deve-se se destacar isso enfaticamente porque, antes de ingressar o Curso de Licenciatura em Música, as posicionalidades sobre minha identificação enquanto homem negro não eram tão evidentes, muito embora pudessem estar em possível desenvolvimento. Considero que este processo de redescoberta a partir da revisita da trajetória das narrativas em sintonia com a valorização dos pertencimentos da afrodiáspora no campo das artes/ música foi importante para reafirmar um compromisso com a área etnomusicológica, responsável por permitir acesso a diversas linhas de pensamento e por indicar os *chamados* para a luta antirracista, por exemplo.

Essas transformações se mostram latentes conforme fui entendendo que trabalho da Etnomusicologia abriu portas de diálogo, provocando um jeito de trabalhar com músicas que vão além das referências já hegemônicas ou do senso comum, o que, simultaneamente, caracteriza um processo de desconstruir e desnaturalizar ideias ditas inquestionáveis e que invisibilizam práticas de matriz africana e/ou indígenas nos espaços escolares, reverberando fora do contexto escolar, como em projetos sociais pautados por uma política pública séria.

Soma-se a essa consciência a aprendizagem sobre as questões étnico- raciais, a partir das leis já direcionadas ao assunto e ao encontro com leituras de autores e autoras negras, trazidas como suporte teórico-metodológico. Elas oferecem uma base para a construção de novas e futuras propostas de trabalho, que possam reverberar a favor das próximas gerações, nas quais espera-se conquistar mais espaço e voz em todos os espaços possíveis de interação, representatividade, especialmente, por meio de práticas musicais, pedagógico- musicais e artísticas.

Ao finalizar este trabalho, percebo que, ainda que se note desafios (como o da busca por uma sistematização ampliada de materiais didáticos voltados à educação musical e questões étnico-raciais com uma perspectiva etnomusicológica), há também avanços. Também, percebe-se a necessidade de mais estudos sobre os dilemas que atingem diretamente as/os estudantes negras/negros no enfrentamento diário de

dificuldades do cotidiano e que na universidade, mesmo as públicas, concentra a forte herança da estrutura eurocentrada dos currículos e na escolha das práticas. Aqui, tive como foco os percursos da minha trajetória acadêmica, preocupando-me em destacar alguns desses pontos de discussão com o propósito de apresentar as práticas como modos de dinamizações possíveis de aproximação com as questões étnico-raciais no contexto da licenciatura em música pela viabilidade multidisciplinar. O caráter crítico bastante avançado da etnomusicologia sobre a discussão da hegemonia musical me auxiliou a desenvolver e manter a percepção atenta às violências simbólicas (raciais, de gênero e classe) presentes nos contextos musicais, tanto no âmbito interno e externo da universidade quanto em espaços escolares.

Como educador musical ao final da graduação, penso que as redes criadas e que embasam este trabalho demonstram que a busca por amadurecimento contínuo contribuem a para minha trajetória como docente cada vez mais atento às assimetrias sociais e pontos de escuta que ainda precisam ser ouvidos e farão parte de maneira permanente nas minhas práticas pedagógico-musicais.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Profissionalização Continuada de Docentes Universitários: A construção do memorial e das questões da identidade pessoal e profissional. In: VIELLA, M. dos A.. (Org.). **Tempos e Espaços de Formação**. Chapecó: Argos, 2003. p. 163-195.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso: 22 jan. 2019.

BRASIL. Lei no 11.645, 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena”. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso: 22 jan. 2019.

CARVALHO, José Jorge. **A Tradição Musical Iorubá no Brasil: Um Cristal que se Oculta e Revela**. Série Antropologia, Brasília: 2003.

DUARTE, Rosemari da Silva; LIMA, Ígor Duarte; LOPES, Antoniel Martins; DAENECKE, Elaine Martha. A diversidade nas aulas de Música: a inclusão e as questões étnico-raciais. In: MARTINS, Claudete da Silva Lima. MELLO, Elena Maria Billig. COELHO, Franciele Braz de Oliveira. FIRME, Márcia von Frühauf. BRASIL, Jôse Storniolo (org.). **Programa de Residência Pedagógica na Unipampa: formação docente no horizonte da inovação pedagógica**. 2. ed. e-book. São Leopoldo: Oikos, 2020. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Programa%20de%20resid%C3%AAncia%20pedag%C3%B3gica%20na%20UNIPAMPA%20-%20E-book.pdf>. Acesso: 25 jan. 2021.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. 1968.

FLACH, Gisele Andrea. **Arranjos para piano em grupo: um estudo sobre as decisões, escolhas e alternativas pedagógico-musicais.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/87671> . Acesso: 25 set. 2020.

JACINTO, Luís César Rodrigues. **Saberes de resistência, identidades e pertencimentos no sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Bagé: UNIPAMPA, 2019. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/4748>. Acesso: 23 set. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LOPES, Antoniel Martins; SANTOS, Luana Zambiazzi dos. Marcas etnomusicológicas na educação básica: reflexões de um licenciando em música. in: MENDES, Adriana; LOPES, Guilhermina; PANCRÁCIO, Micael; NASSIF Sílvia; REILY, Suzel; **Anais do XI ENABET e XII Encontro de Educação Musical da Unicamp - EEMU - Musicar local: aprendizagens e práticas.** Campinas: UNICAMP, 2019, p.98-104. Disponível em: <https://www.abet.mus.br/portfolio/ix-encontro-nacional-da-abet-campinas-2019/> Acesso: 10 dez. 2020.

LÜHNING, Angela. Na encruzilhada dos saberes e fazeres musicais: leis, conhecimentos tradicionais, educação musical e espaço(s). In: VIEIRA, Lia Braga; ROBATTO, Lucas; TOURINHO, Cristina (org.). **Trânsito entre fronteiras na música.** Belém: PPGARTES/ ICA/ UFPA, 2013. p.11-54.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. **Sopapo poético e etnomusicologia negra: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre.** Tese de doutorado UFRGS. Porto Alegre: 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/213597>. Acesso: 25 jan. 2021

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980,** Dissertação de Mestrado. Pelotas: UFPEL, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4367>. Acesso: 23.set. 2020

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Porto Alegre: 2007. p. 489-506. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acesso: 24 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Música - Licenciatura**. Bagé: UNIPAMPA, 2016. Disponível em: http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/licenciaturaemmusica/files/2019/01/ppc-2017-com-ementario_atualizacao-jan_2019.pdf. Acesso em 15 jan. 2021.